

António Borges Coelho

Sobre os Rios de Babilónia

Campo do Teatro



SOBRE OS RIOS DE BABILÓNIA

Autor: António Borges Coelho

Direcção gráfica e capa: Loja das Ideias

Na capa: "Corral de Locos", Goya

CAMPO DAS LETRAS – Editores, S.A., 2001

Rua D. Manuel II, 33 - 5.º 4050-345 Porto

Telef.: 226007728 Fax: 226004019

E-mail: campo.lettras@mail.telepac.pt

Site: www.campo-lettras.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda – V. N. Famalicão

1.ª Edição: Junho de 2001

Depósito Legal n.º: 166206/01

ISBN 972-610-400-9

Código de Barras: 9789726104001

Colecção: Campo do Teatro – 9

António Borges Coelho

SOBRE OS RIOS DE BABILÓNIA



A acção decorre em Lisboa na primeira metade do século XVII. Nalgumas falas incorporaram-se dizeres dos padres jesuítas Gaspar de Miranda, Francisco da Costa e António Vieira, do padre franciscano frei Manuel dos Anjos e do escritor, queimado no Terreiro do Paço, Manuel Fernandes Vila Real. A oração hebraica foi apreendida na parede duma casa de Castelo de Vide.

Personagens:
(por ordem de entrada)

MIGUEL
ANJO
PEDRO
PADRE JESUÍTA
RECONCILIADO
DÉBORA
RAQUEL
ES CRAVA
FAMILIAR
INQUISIDOR
ESCRIVÃO
MEIRINHO
GUARDAS
1.º PRISIONEIRO
2.º PRISIONEIRO
DEPUTADO/NOTÁRIO
CARRASCO
MÉDICO
PINTOR
ORADOR
MASCARADOS

1.º ACTO

Dois espaços. O primeiro sugere um claustro seiscentista com pinturas de anjos e demónios; o segundo uma pequena quadra com armário/escritório e janela rasgada para Alfama e a Ribeira.

Na banda sonora podem ouvir-se tropear de cavalos, velas enfundadas, trovoada de artilharia, toque de sinos, acordes de guitarra.

CENA 1

(Claustro. Miguel, meio oculto, está sentado no chão. Na sombra, o Anjo. Este veste como os anjos barrocos. Vestido de sambenito, Miguel levanta-se lentamente e caminha para trás para diante.)

MIGUEL

“Senhor, por que te conservas à distância e te escondes nos tempos de angústia?

No seu orgulho, o ímpio persegue o infeliz:

Que ele seja apanhado na cilada que armou.”

(Salmo 10)

(Cai uma pedra. E logo o grito)

Judeu! Cão judeu!

MIGUEL

Quem me mandou aceitar esta albarda do sambenito? Antes a fogueira.

“Até quando, Senhor? Esqueceste-me para sempre?”

Até quando me esconderás a tua face?”

(Salmo 13)

ANJO

(Saindo da penumbra) Baptizaram-nos em pé no tempo do senhor rei Dom Manuel o Venturoso. Alguns foram arrastados pelas barbas até à pia baptismal. Deste modo os fizeram cristãos, mas cristãos-novos para os distinguir dos cristãos-velhos. Em privado e em público, continuam a chamar-lhes judeus. Cercam as suas palavras e os seus actos com mil olhos. Externamente são cristãos mas muitos continuam judeus no fundo do seu coração.

MIGUEL

Quem fala?

Não sou um homem como os outros? Com olhos, boca, cabeça?

Nem eu mesmo sei quem sou.

(Lendo)

“Sôbolos rios que vão
por Babilónia, me achei,
onde, sentado, chorei

as lembranças de Sião
e quanto nela passei.
Ali o rio corrente
de meus olhos foi manado.
e tudo bem comparado:
Babilónia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.”

ANJO

Já pensaram na carga da palavra judeu? Já experimentaram o escárnio acumulado pelas gerações? E o desprezo? E o ódio? Pesa mais que o sambenito que os obrigam a carregar rua acima rua abaixo.

Cristão, judeu, marrano. O que é ser cristão, o que é ser judeu? Deus ou Adonai não são o mesmo e um só? Que importam as cerimónias diferentes? São as vestes e os sinais exteriores que conduzem um homem à salvação e outro à perdição? Amai-vos ou odiai-vos uns aos outros?

MIGUEL

És tu, Senhor? Os meus e os teus inimigos reduziram-me a este triste estado.

ANJO

Os teus inimigos? Não conhecias as regras? Porventura deixaste de acreditar, no fundo do teu coração, no Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob?

MIGUEL

Quem moveu contra mim ondas tão grandes?
“Senhor, escuta a minha voz: sejam os teus
ouvidos atentos à voz das minhas súplicas.”

CENA 2

(Miguel e Pedro.)

PEDRO

Que mal vos fizeram?

MIGUEL

(Abraçando-o) Olhai pelo vosso nome. Eles têm
milhares de olhos.

PEDRO

Tomei cuidado. A mim não tocam.

MIGUEL

Aqui há olhos e ouvidos por toda a parte. Nas
próprias paredes.

PEDRO

Não tenho medo. Ontem passou por mim o
familiar que vos prendeu. Tirou-me o chapéu,
mas manteve o meu enterrado na cabeça. Ele
voltou atrás: “Por que não tirais o chapéu
quando eu vo-lo tirei?” “Não tiro o chapéu a
um homem tão baixo”. “Também vós sois
judeu e protector de hereges?”, atirou com um
risinho velhaco. Levei a mão à espada, mas ele
continuou o seu caminho.

MIGUEL

É um homem muito perigoso.

PEDRO

E velhaco.

Esqueceis esta minha cicatriz ganha em defesa da fé? Já vos esquecestes de Tânger?

(De novo as pedras. E o grito)

Judeu! Judeu!

PEDRO

Canalhas!

MIGUEL

É a populaça. Não se contenta com a assuada dos nomes. Quando calha, arremessam pedras. Descarregam sobre nós o ódio, a ira da miséria.

PEDRO

Se apanho algum, vai arrepender-se.

MIGUEL

Nada podeis fazer.

PEDRO

Já se esqueceram da vossa generosidade.

MIGUEL

Aqueles que mais favoreci foram os primeiros a abandonar-me. E quando me encontram nesta